Humanismo & Educação: bases epistemológicas, perspectivas e interfaces

Sheyla Macedo[1]
Adriana Rosicleia Ferreira[2]
Elano César Diógenes Tavares[3]

Resumo: O humanismo é uma corrente de pensamento que posiciona o ser humano no centro dos interesses das dimensões que integram a vida. Como modelo pedagógico, se projeta sobre os campos da formação integral e humana, sem desconsiderar o terreno do conhecimento científico. O artigo objetiva identificar algumas das bases epistemológicas (históricas, filosóficas e pedagógicas), *interfaces* e perspectivas entre a corrente humanista e os domínios da educação. É uma investigação de natureza qualitativa, básica, assente na revisão de literatura. Encontra-se organizado em três seções: a) Revisão conceitual sobre educação; b) Bases epistêmicas do humanismo (históricas e filosóficas); c) Alguns modelos pedagógicos contemporâneos. Como resultados preliminares, propõe a reabertura da discussão sobre os sentidos da escola, especialmente no percurso desafiador em que se encontra a atual civilização humana, e apresenta ensaios (modelos) pedagógicos em curso que têm como norte o ser humano e suas dimensões bio, psico, sócio, espiritual.
Palavras-chave: Educação Humanista; Educação; Humanismo; Epistemologia.

Humanism and Education: epistemological bases, perspectives and interfaces

Abstract: Humanism is a school of thought that places the human being at the center of the interests of the dimensions that make up life. As a pedagogical model, it projects itself over the fields of integral and human education, without disregarding the terrain of scientific knowledge. The article aims to identify some of the epistemological bases (historical, philosophical and pedagogical), interfaces and perspectives between the humanist school and the domains of education. It is a qualitative, basic investigation, based on a literature review. It is organized into three sections: a) Conceptual review of education; b) Epistemic bases of humanism (historical and philosophical); c) Some contemporary pedagogical models. As preliminary results, it proposes the reopening of the discussion on the meanings of school, especially in the challenging path that current human civilization finds itself on, and presents ongoing pedagogical essays (models) that have as their guide the human being and its bio, psycho, socio and spiritual dimensions.
Keywords: Humanistic Education; Education; Humanism; Epistemology.

Humanismo y Educación: bases epistemológicas, perspectivas e *interfaces*

Resumen: El humanismo es una corriente de pensamiento que sitúa al ser humano en el centro de los intereses de las dimensiones que componen la vida.

[1] Doutora em Educação pela Universidade de Lisboa (ULisboa - Portugal). E-mail: sheylafontenele@uern.br.
[2] Mestranda em Ensino pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: adriana.rcastro85@gmail.com.
[3] Especialista em Gestão Escolar Integrada e Práticas Pedagógicas pela Universidade Candido Mendes (UCAM), em Políticas, Educação e Meio Ambiente pela Faculdade Internacional do Delta e em Psicopedagogia Institucional e Clínica pela Faculdade da Aldeia de Carapicuiba (FALC). E-mail: elanoprof.cdt@gmail.com.

Como modelo pedagógico se centra en los campos de la formación integral y humana, sin dejar de lado el campo del conocimiento científico. El artículo tiene como objetivo identificar algunas de las bases epistemológicas (históricas, filosóficas y pedagógicas), interfaces y perspectivas entre la corriente humanista y los dominios de la educación. Es una investigación cualitativa, básica, basada en una revisión de la literatura. Está organizado en tres secciones: a) Revisión conceptual de la educación; b) Bases epistémicas del humanismo (históricas y filosóficas); c) Algunos modelos pedagógicos contemporáneos. Como resultados preliminares, propone reabrir la discusión sobre los significados de la escuela, especialmente en el camino desafiante que recorre la actual civilización humana, y presenta ensayos (modelos) pedagógicos en curso que tienen como guía al ser humano y sus dimensiones bio, psico, socio y espirituale.
Palabras clave: Educación Humanística; Educación; Humanismo; Epistemología.

1 Introdução

Nas últimas três décadas, a concepção de educação tem sido cotidianamente ressignificada, provavelmente em decorrência dos avanços do paradigma da Sociedade do Conhecimento, que conforme Adama Samassékou, presidente do Bureau CMSI, é um conceito que precisa ser entendido:

> É importante compreender o que cobre este conceito: não se trata tanto de uma informação que se difunde e se compartilha como de uma sociedade na qual se quer comunicar de outra maneira e compartilhar um saber. Trata-se, pois, de uma sociedade do saber compartilhado e do conhecimento (Samassékou, 2003 *apud* Burch, 2005, p. 7).

Nos dias de hoje, nos deparamos com uma cultura de cursos, aulas online, abertura de espaços de educação à distância etc. Por onde quer que se pouse o olhar, lá está a educação. Portanto, definir educação torna-se uma tarefa complexa, especialmente diante dos debates em torno da perspectiva de uma geração educada a partir de tecnologia do tipo 5G, capaz de promover ao usuário maior experiência de conexão e em alta definição, ressignificando os formatos do ensino e da aprendizagem (Carvalho Junior, 2022).

Assim, na última década, têm sido corriqueiros os termos: Educação Digital, Educação Empreendedora, Educação Virtual e Realidade Aumentada (VR/AR), Educação Emocional, dentre outros. A educação se pulverizou, se especializou, poderíamos até dizer que nichou (neologismo nosso). Do outro lado, deseducações se perfilam, forjando seres autômatos, verdadeiros "homens-massa" (Pecotche, 2017a).

Porquanto, apesar do curso civilizatório revelar o quão o termo educação se encontra multifacetado, o fato é que a educação em si é uma prática social que visa

evidenciar a condição humana. Educar é processo de humanização.

Nesse contexto, a expressão Educação Humanista se constitui em mais um termo para definir um campo específico da educação. O adjetivo humanista pode levar a muitas rotas compreensivas e epistêmicas. Afinal, não seriam humanistas todas as formas de educar?

É mister compreender que o humanismo situa o ser humano no centro vital das relações tecidas entre si e o mundo que o rodeia e habita. Sobre a expressão humanismo:

> Coinciden los estudiosos en que el origen de la palabra se encuentra en Cicerón, quien utiliza las expresiones humanus, humanitas para designar al hombre como agente de una serie de actividades espirituales o culturales. También para Heidegger la idea de humanismo tuvo su inicio en la república romana, donde fue usada por primera vez la expresión humanitas (Silber, 2007, p.4).

Para definir a pauta do humanismo na educação, é preciso considerar que o humanismo contemporâneo se distanciou em parte dos moldes clássicos. Enveredou-se para um neo-humanismo emergente, que despontou no século XX, especialmente a partir dos idos de 1970 (Silber, 2007), em que o curso civilizatório humano denunciava o seguinte cenário:

> As condições da modernidade tardia resultaram em uma convergência na história, violência ambiental, injustiça econômica, falência política, ressurgimento do fundamentalismo religioso, mudança tecnológica e confusão filosófica. Este momento coloca diante de nós duas rotas possíveis para o futuro. O indivíduo, cada um de nós, se depara com a escolha entre perda e alienação, por um lado (o futuro é uma extensão intensificada e colonizada do mal-estar presente) ou uma recuperação do eu e do espírito, por outro (o futuro é um contraponto aberto e criativo à arrogância atual). Essa convergência criou as condições para o surgimento de uma sensibilidade neohumanista; vivemos em um momento no tempo que não apenas necessita de um aprofundamento da consciência humana, mas também a valida (Bussey, 2006, p. 39-40, tradução nossa).

O respectivo panorama situa o problema exatamente na necessidade de revitalizar os processos educativos a partir da tomada de consciência de que é preciso reconsiderar o ser humano, o seu lugar e os sentidos dessa vida humana, para que se possa a partir daí, traçar um projeto coletivo e maduro de educação. Logo, o problema do artigo demarca a reflexão sobre a educação de um novo arquétipo humano "[...] un hombre pleno y desalienado, dueño de su destino y de los medios para hacerle solidario y responsable dentro de una sociedad construida a su medida y capaz de abrirle nuevas perspectivas personales" (Nassif, 1982, p. 269).

Desse ponto, o problema se corporifica, abrindo um leque de considerações: a) Clarificação do sentido da educação diante das premissas da formação integral do ser humano; b) Lacunas na formação docente de base humanista, como resultado da crise das Ciências Humanas, preconizada por Japiassu (2012), e que nas últimas três décadas encolheu a respectiva área de estudos – que interage com as esferas da Filosofia, Psicologia, Sociologia, dentre outras; c) A manutenção de um modelo didático-pedagógico de ensino focado na abordagem academicista e tecnicista, deixando em segundo plano a educação individual, moral, ética, emocional e social do ser; d) Carência de debates no campo das tessituras entre o humanismo e a educação, promovendo o desconhecimento de modelos e ensaios de escolas humanistas percebidas como espaços de pesquisa e práticas docentes na formação dos licenciados em geral.

Nesse sentido, o artigo[4] visa contribuir, ampliar e reabrir o cenário dos intercâmbios no campo epistemológico da educação, configurando-se em objetivo deste trabalho: identificar algumas das bases epistemológicas (históricas, filosóficas e pedagógicas), interfaces e perspectivas entre o humanismo e os domínios da educação.

Metodologicamente é uma pesquisa de foro qualitativo, básica e visa a expansão dos conhecimentos no entorno do objeto de estudo, o humanismo na educação. Encontra-se alicerçada em uma revisão de literatura, pautada no seguinte passo a passo: a) Levantamento da questão problema/problematização; b) Identificação/seleção de fontes bibliográficas primárias e secundárias sobre as categorias “humanismo” e “educação” (livros, artigos, textos etc.); c) Análise reflexiva do material; d) Compilação, síntese dos resultados e escrita do relatório; e) Revisão qualitativa e no que concerne à língua portuguesa; f) Cuidados éticos com a pesquisa.

A pesquisa foi estruturada a partir das seguintes seções e estudos teóricos: a) Introdução com delimitação do problema; b) Concepção de educação – em que se faz um repasse conceitual com base em Jaeger (1995), Morin (2000) e Pecotche (2013, 2019); c) Enlaces entre educação e humanismo, partindo das bases epistemológicas (históricas e filosóficas) assentes nos estudos de Cabanas (2009), Luzuriaga (1983) e Morin (1991, 2002, 2003); d) Bases epistemológicas pedagógicas, a partir de modelos de escolas humanistas da atualidade, em que se dialoga com Passos (2023), Montessori (1987), Sales (2023), Lanz (1979) e Pecotche (2013, 2017a, 2019).

[4] O artigo dialoga com as pesquisas realizadas no âmbito da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), mais precisamente, da pós-graduação *stricto sensu*.

O artigo é um contributo para o campo da educação, direcionado em especial aos professores e pesquisadores da Educação Básica, já que promove reflexões acerca da ressignificação das práticas docentes no cenário escolar em que esses profissionais atuam(rão). Aponta ainda a promessa de suscitar rotas criativas, de novos arranjos pedagógicos, que viabilizem possibilidades de uma educação para um melhor futuro da humanidade.

2 Ainda é preciso falar de… Educação?

Muito já se escreveu sobre educação, todavia, em cada tempo, em cada época, o conceito se renovou e passou a se construir com base em novos sentidos. É pela educação que esboçamos os traços da existência humana, em uma jornada que nos permite encontrar a nós mesmos em nossa própria civilização. É pela educação que nos "idem + tificamos", por meio do saber, dos conhecimentos, vivências e práticas. É pela educação que cada ser se revela e é revelado, sendo o ato de educar o farol que ilumina as possibilidades de cada indivíduo, abrindo as portas para que o Ser desperte em direção consciente à experiência da vida. Não podemos passar sem a educação. O que seríamos sem ela, ou sem o eco das vozes dos incontáveis mestres que nos deparamos em nossa jornada? A educação se faz a partir dos encontros, isso porque educação é interação, diálogo, troca, partilha. Por isso, a educação é um fenômeno que se dá em uma infinitude de espaços, rompe a barreira do tempo – é atemporal. Atravessa até a presença física: quem de nós já não aprendeu com seres que jamais conhecemos ou conheceremos? Essa perspectiva de educação amplia o raio de ação do educar, e insere a experiência do ensino e da aprendizagem em contextos transcendentes.

Evidenciamos dois aspectos que sustentam o conceito de educação: a) A formação integral do ser, que consiste em vislumbrar uma educação que contemple todas as esferas do desenvolvimento humano, e nesse ponto, a integração entre a teoria e a prática será sempre um convite a revisar tanto o que se ensina (currículo), quanto o como se ensina (didática); b) A formação (do ser), ou seja, a formação humana, conforme destaca Severino (2006, p. 621):

> [...] a educação foi sempre vista como processo de formação humana. Essa formação significa a própria humanização do homem, que sempre foi concebido como um ente que não nasce pronto, que tem necessidade de cuidar de si mesmo como que buscando um estágio de maior humanidade, uma condição de maior

> perfeição em seu modo de ser humano. Portanto, a formação é processo do devir humano como devir humanizador, mediante o qual o indivíduo natural devém um ser cultural, uma pessoa [...].

O processo de formação humana abrange a experiência da humanização, de uma educação que verdadeiramente humanize. E nesse sentido, "[...] não é apenas um processo institucional e instrucional, seu lado visível, mas fundamentalmente um investimento formativo do humano, seja na particularidade da relação pedagógica pessoal, seja no âmbito da relação social coletiva" (Severino, 2006, p. 621).

Do exposto, a educação com foco na formação humana abrange duas dimensões, a individual e a social que interagem entre si: educar do individual para o social e do social visando o indivíduo. Em outras palavras,

> A educação participa na vida e no crescimento da sociedade, tanto no seu destino exterior como na sua estruturação interna e desenvolvimento espiritual; e, uma vez que o desenvolvimento social depende da consciência dos valores que regem a vida humana, a história da educação está essencialmente condicionada pela transformação dos valores válidos para cada sociedade (Jaeger, 1995, p. 04).

Logo, a educação se tempera de dentro para fora (Ser) e de fora para dentro (interação com o outro, o mundo). Movimentos que precisam acontecer em comum união (comunhão). Essa é uma construção que literalmente precisa ser revisitada, já que ainda percebemos como dominante o modelo conteudista de ensino, em que os conhecimentos são injetados de fora para dentro, revelando a primazia da dimensão intelectual/cognoscitiva, em detrimento do sensível, do que é subjetivo, e das próprias emoções. Diante desse aspecto, como professores, muitas questões ainda precisam ser respondidas: O que necessitamos, em termos de educação, para sermos verdadeiramente humanos? O que é preciso ensinar? O que não se pode deixar de aprender? Como humanizar (educandos)? Como nos humanizar (docentes)? Será que o incremento do intelecto é suficiente para atender as outras dimensões de nossa estruturação humana (bio, psico, espiritual, social)? Eis a questão!

Jaeger (1995) ao retratar sobre o conceito de desenvolvimento espiritual, dissocia-o do sentido religioso. Sua abordagem é filosófica. Esclarece que o homem em sua condição humana precisa desenvolver os ressortes do espírito, percorrendo o caminho de transformação positiva do ser, por meio do autoconhecimento e do autoaperfeiçoamento. E que é exatamente pela educação que os valores do espírito se cultivam, como as virtudes e a sabedoria.

Sob da educação do espírito, Pecotche (2013) anuncia em seu método humanista educativo, a necessidade de que se faça um inventário dos bens mentais, morais e espirituais, constituindo-se este último bem, na integração dos "[...] dois primeiros, aos quais há de somar-se o conhecimento que se tenha do próprio espírito" (Pecotche, 2013, p. 105-106).

Nessa perspectiva, a educação se forja a partir de um olhar integrativo, em que o homem se educa para conhecer a si mesmo e movimentar com acerto sua vida, no individual e no coletivo: "Conhecer o humano é, antes de mais nada, situá-lo no universo, e não separá-lo dele" (Morin, 2000, p. 47).

Desse prisma, a educação que fraciona o ensinar e o aprender em porções, em um conhecimento material, superficial e desarticulado de si mesmo, gera aprendentes passivos que não se engajam ou se assenhoram da própria jornada do saber. Assim como, métodos estandardizados, que priorizam resultados quantitativos, minimizam a educação a um mero processo de *behavorização* tido como preparatório para o mercado de trabalho.

Partimos do entendimento de que "educar é humanizar". E da mesma forma que uma águia existe em potência para realizar voos em céu de brigadeiro, seres humanos possuem a premissa de realizar voos em horizontes mais extensos e fecundos. Mas, para isso, há que se forjar uma clara compreensão: o que realmente significa educar a humanidade?

3 Enlaces entre Educação & Humanismo: Fundamentos históricos, filosóficos e epistemológicos

O humanismo surgiu a partir das correntes do pensamento filosófico clássico. Abbagnano (2007, p. 519) apresenta a expressão em um "sentido mais geral, pode-se entender por H. [Humanismo] qualquer tendência filosófica que leve em consideração as possibilidades e, portanto, as limitações do homem, e que, com base nisso, redimensione os problemas filosóficos." [inserções nossas]. Nesse contexto, a ideia de humanismo nasce na Grécia Antiga, mais precisamente em Atenas, no século V a.C., quando Sócrates desenvolvia temáticas acerca dos interesses do ser humano, a ética e as doutrinas relacionadas à episteme (Cabanas, 2009).

Essa visão antropocêntrica influenciou o sistema educacional grego da época, a Paideia, que aspirava desenvolver uma educação de base integral, e que visava estimular

todas as potencialidades do ser humano, precisamente fundada na tríade: a) Corpo e força física; b) Virtude Moral; c) Sabedoria e Intelectualidade. Esse modelo resumia-se na *aretê*, na *expertise* do desenvolvimento em todas as esferas da vida, para o pleno convívio na *pólis*, tendo como ideal a educação de cidadãos comprometidos na construção da cidade-estado (Jaeger, 1995).

Cabanas (2009, p. 212) também apontava que: "La paideía es la forma nacional de la educación griega clásica en las escuelas y en la pólis. Tenía un carácter a la vez intelectual, moral y cívico". Seus ideais humanísticos de educação, perpassaram por:

> 1. A moralidade (areté, virtude); 2. A beleza (tò kalón), através das artes; 3. A phrónesis (sabedoria), ou reflexão sobre o verdadeiro caminho; 4. A formação do indivíduo belo e bom (kalós kagathós); 5. A formação completa e harmônica (virtudes morais e educação musical) (Cabanas, 2009, p. 212, tradução nossa).

Do exposto, o modelo grego de educação se consubstanciou como um dos primeiros ensaios de formação integral, apesar de que a educação era prioritariamente voltada para o público jovem, masculino e livre, restringindo o sentido que hoje se tem de educação humanista.

Na sequência histórica da Antiguidade Clássica, outro modelo de educação de base tradicional humanista se destacou, a romana, assimilada da herança grega:

> A herança grega é absorvida e transformada pelo Império Romano. Pela primeira vez encontramos o termo Humanitas para designar o gênero humano em seu processo de autorrealização. Aqui é valorizada, especialmente, a educação como processo de crescimento humano, daí o surgimento de um projeto educativo que recebeu o nome de *Studia Humanitatis* (Ribeiro, 2022, p. 12).

A educação romana, como a grega, primava pela formação de um ser ideal, sem dispensar as virtudes que tornavam o homem honesto e bom. A expressão *humanistas* advém do termo "humanismo" e de "humanidades" (Cabanas, 2009). Havia um predomínio do "[...] espírito mais liberal, dentro, sempre, da estrutura do Estado" (Luzuriaga, 1983, p. 62). Razão pela qual se destacava como eixo educativo a formação militar para defesa de Roma, ou seja, a vida em razão da salvaguarda do Estado.

Na Idade Média, o humanismo se direcionou às premissas da formação cristã, em que a compaixão e a caridade eram valores importantes, tese defendida por Santo Agostinho. Quanto mais próximo de Deus o homem estivesse, mais completa era sua formação. A partir daí, novas escolas se levantaram, redimensionando a ideia de uma

educação integral assente em princípios cristãos, contudo estes ainda focados no classicismo grego (Retirado/sigilo).

A ideia do humanismo como corrente de pensamento ganha o seu apogeu no período do Renascentismo, movimento que nasceu na Itália na segunda metade do século XIV e se propagou por toda a Europa nos séculos seguintes (Cabanas, 2009). O humanismo renascentista situa o ser humano no centro do interesse de todas as atenções universais e se opõe à religiosidade cristã, trazendo o indivíduo como ser autônomo, racional e de consciência crítica, o qual necessita compreender o mundo em que vive e dominá-lo (Cabanas, 2009).

E foi exatamente no Renascimento que o Humanismo ganhou espaço nos domínios da educação, avançando em compreensões para além dos pressupostos clássicos do humanismo da Paideia, extrapolando os campos da Filosofia e das Artes, voltando-se para as questões sociais.

O Humanismo passa a ser um movimento pautado na retomada do comportamento intelectual, a evolução da razão, seus processos racionais e os critérios da ética, da moralidade. Ao longo do tempo, cede cada vez mais espaço aos interesses das demandas sociais.

Cabanas (2009) nos apresenta ainda outras facetas do humanismo que se reverberaram na esfera educativa:

> 1. Humanismo científico en la Concepción de J. Echarri, la naturaleza, como espacio físico, es un fenórevista meno para el hombre, para lo que éste es, hace y ha de hacer). 2. Humanismo marxista (Adam Schaff); 3. Humanismo existencialista (Sartre); 4. Humanismo integral (Maritain, Mounier); personalismo. 5. Humanismo liberacionista (Marcuse); 6. Humanismo post-industrial (Fromm) (Cabanas, 2009, p. 213-214).

Relevante mencionar que o ideal educativo humanístico é contemplado na obra O Cortesão, de Castiglione (1478-1529), no século XVI, em que o currículo compreendia:

> [...] em primeiro lugar os exercícios físicos, o salto, a corrida, a natação, a luta, a equitação, o jogo de pelota, a dança e a caça, mas tudo com donaire (...) Mas o cortesão há de também saber escrever e falar bem, sem afetação, não só o latim, mas o italiano; há de igualmente conhecer música e pintura e, em geral, há de ser "ornado e ataviado, assim na alma como no corpo" (Luzuriaga 1983, p. 93).

Cabanas (2009), em um breve histórico do humanismo, destaca o Século das Luzes (XVII), em que o foco na liberdade de pensamento se contrapunha aos dogmatismos

impostos. Recorda os exemplos de Voltaire, que reivindicava a existência de um "homem sensato", e de Kant, que "[...] proclama que el hombre es un fin en sí mismo, no debiendo tener otro fin último que el propio hombre, poseedor de su autonomía intelectual y moral" (Cabanas, 2009, p. 213).

No século XVIII, o humanismo neoclássico avançou, influenciado pela cultura alemã, em que se destacaram os princípios: a) da essência humana grega; b) dos valores estéticos, a beleza como peça fundamental da formação humana; c) pedagógicos, a formação harmônica do ser, com foco na ética, estética, do ser ilustrado, com respeito à vontade do ser, aos seus sentimentos, um ser completo (Cabanas, 2009).

No século XX, o humanismo ganhou espaço no terreno da educação a partir da influência advinda do campo da Psicologia, com Carl Rogers (1902-1987), cujos estudos e teorias se aplicaram como uma luva no momento histórico em que os movimentos sociais denotavam o surgimento da necessidade de uma Escola Nova.

Desse modo, o humanismo rogeriano contribuiu no âmbito da educação com revelações sobre a aprendizagem. Afirmava que o ser humano possui grande potencial para aprender a partir de uma aprendizagem significativa, centrada na pessoa, no respeito à individualidade, e focada nos métodos autodiretivos e autoapropriados (Luzuriaga, 1983), em que:

> Tal aprendizagem autodescoberta, a verdade pessoalmente apropriada e assimilada no curso de uma experiência, não podem ser diretamente comunicadas ao outro. Tão logo alguém tenta comunicar essa experiência, diretamente, não raro com natural entusiasmo, ela se transforma em ensino, e os seus resultados são inconsequentes (Luzuriaga, 1983, p. 151).

Além da autodiretividade, o ambiente para aprendizado, a comunicação empática e a avaliação são pilares rogerianos. Essa última baseada na autocrítica, na autoavaliação e no *feedback* (Rogers, 1996).

Na contemporaneidade, Edgar Morin, filósofo e sociólogo, já com mais de 100 anos, apresenta-nos uma obra complexa, em que descortina vários conceitos que apontam possibilidades de modelização de escolas de base humanista. Suas principais ideias, se aplicadas, simplesmente, promoveriam uma reviravolta no *modus pensanti*, *fazendi* e *operandi* das instituições escolares, da Educação Infantil ao Ensino Superior.

Suas visões de conhecimento e ser humano se fundam na premissa hologramática, em que o todo está na parte e a parte está no todo, superando dois pontos de vista

convencionais: o reducionista, que enxerga só as partes; e o holístico, que só entrevê o todo.

Sobre a educação propriamente dita, é difícil em poucas palavras apresentar o cerne de sua obra. Contudo, destacamos:

> [...] a missão da educação para a era planetária é fortalecer as condições de possibilidades de emergência de uma sociedade-mundo composta por cidadãos protagonistas, conscientes e criticamente comprometidos com a construção de uma civilização planetária (Morin, 2003, p. 98).

Há sabedoria em suas palavras e em sua visão de educação. Admite que apesar de termos divisões geopolíticas, sociais, culturais etc., estamos todos vinculados a uma só civilização, uma só raça, a humana, e que habita uma só pátria, "A Terra". Pode parecer essa uma visão utópica, mas não há nada de inverdadeiro (neologismo nosso) em suas palavras.

Morin (2003) aponta que o papel fundamental da educação é preparar o ser humano para ser solidário e consciente de seu lugar neste mundo, se fazendo dessa maneira necessário educar os jovens para superarem os desafios do atual momento social, cheio de incertezas e conturbações que mais deseducam que educam a juventude.

Em sua obra, alavancou as bases para a educação do futuro, ao mesmo tempo em que assinalou os sete grandes buracos da educação: As cegueiras do conhecimento; Os princípios do conhecimento pertinente; Ensinar a condição humana; Ensinar a identidade terrena; Enfrentar as incertezas; Ensinar a compreensão; A ética do gênero humano (Morin, 2002).

Os sete saberes necessários para a educação do futuro é um dos caminhos a ser seguido para que se possa desbravar novos horizontes na construção de um modelo educacional centrado no ser humano, que possibilite o acolhimento do professor e do aluno e os coloque em papel de primordial importância neste processo. Assim, Morin (2002) destaca que a educação não pode ser desprovida de uma ética humanista, do e para o gênero humano. Uma ética que busque primeiramente a reforma dos seres humanos, em detrimento primeiro da reforma do mundo.

Logo, o humanismo do século XXI ressignifica e supera o humanismo clássico. Diríamos que se caracteriza como um neo-humanismo, que toma o melhor do mundo grego, na busca por valores que sustentem a vida, a defesa do homem pelo próprio homem, mas que encapa hoje novas temáticas inclusivas e sociais, como os Direitos Humanos, a

Diversidade, a Inclusão, a Multiculturalidade, dentre outras.

Da breve jornada histórica, filosófica e epistemológica, é visível o elo entre o humanismo e a educação. Entretanto, é notório que em cada época, em cada tempo, as epistemes acerca da concepção e da conceituação do que significa o humanismo ganharam vertentes diferenciadas, e isso é evolução.

Mas ainda identificamos uma turbulência a ser enfrentada pela educação de foro humanista, porque nas últimas décadas uma crise de valores tem se instaurado. E toda a crise denota a necessidade de ajustes naquilo que se condiciona como bom para a vida humana, sendo essa uma questão que Pecotche (2013, 2017a, 2017b, 2019) adverte em sua obra: “Nem que tudo o que é bom para a época, é bom para a vida”.

3 Modelos pedagógicos do humanismo na educação na atualidade

Na história de nossa civilização, grandes pensadores deram significativas contribuições para o incremento das teorias e métodos humanistas de educação. Todavia reconhecemos a inviabilidade em trazer aqui todos os nomes relevantes, tanto no âmbito nacional como internacional. A intenção foi a de discorrer sobre alguns ensaios metodológicos marcados pela existência de escolas humanistas que hoje funcionam regularmente, a partir de uma visão filosófica, pedagógica, integrativa, integradora, transdisciplinar, transcendente e espiritual.

3.1 Escolas Montessori

Maria Tecla Artemísia Montessori (1870-1952), médica e educadora, nasceu em 31 de agosto de 1870, na província de Ancona na Itália, e deixou um grande legado para a educação humanista. Aos seus 28 anos, em visita a uma clínica psiquiátrica, em Roma, consternou-se com tratamento desumano oferecido as crianças que lá estavam internadas. Registra-se no episódio que as crianças recebiam comidas atiradas, como se faziam com os animais do zoológico (Velasco, 2020 *apud* Passos). Essa vivência, dentre outras, motivou Montessori a fundar a *Casa dei Bambini*, ou Casa das Crianças, nome pelo qual suas escolas hoje são conhecidas, cuja abordagem metodológica consiste na ênfase do indivíduo a favor de sua autonomia e do respeito como valor humanista fundamental à prática pedagógica. Os estudos sobre a organização do ambiente adequado à aprendizagem

também trouxeram muitos contributos à educação. Eles propuseram que as escolas fizessem uso do material concreto, sensorial e de mobiliário adaptado às diferentes faixas etárias (Passos, 2023).

Montessori pautava sua *práxis* pedagógica justamente no princípio da liberdade do educando, que deveria aprender sem nenhuma interferência ou com o mínimo de interferência do professor, apostava na educação como processo de autoeducação (Passos, 2023).

Outro dos princípios de Montessori diz respeito a conceber a existência espiritual do ser como um halo de sustentação:

> Se a obra do homem sobre a terra está ligada ao seu espírito, à sua inteligência criativa, espírito e inteligência devem constituir o sustentáculo da existência individual e de todas as funções do corpo. O seu comportamento organiza-se em torno disto e o mesmo acontece com relação à fisiologia de seus órgãos. O homem todo desenvolve-se dentro de um halo espiritual (Montessori, 1987, p. 74).

Para Montessori, esse halo espiritual consistia no caminho de uma educação que permitisse o aperfeiçoamento do ser como indivíduo. De acordo a educadora, "[...] há uma luzinha no inconsciente da humanidade, que a orienta rumo ao melhoramento" (Montessori, 1987, p. 229), ou dito em outras palavras:

> Nas nossas escolas, não só se fortalece o caráter, mas a inteligência parece se tornar insaciável na procura de conhecimentos. Poder-se-ia dizer que as crianças fazem exercícios de 'vida espiritual', tendo encontrado um caminho de aperfeiçoamento e de ascensão (Montessori, 1987, p. 227).

O humanismo montessoriano se revela por sua centralidade no educando e no preparo do professor. O aluno é autor de sua aprendizagem, sendo necessário ofertar as condições ambientais para que tal aprendizado aconteça. Para Montessori, a criança aprende no contato com materiais concretos que lhe possibilite adentrar no campo do pensamento abstrato.

Montessori indica três estágios para que se possa ser um docente montessoriano: a) Estágio um: o docente passa a ser um guardião e mantenedor do ambiente, por isso "[...] se concentra no ambiente ao invés de se deixar distrair pela agitação das crianças" (Montessori, 1987, p. 298); b) Estágio dois: Foco no próprio comportamento pedagógico com relação à criança, em que o professor deve se perguntar "O que poderemos fazer com estes seres desorganizados, com estas mentes confusas e incertas que desejamos atrair e

fixar no trabalho?" (Montessori, 1987, p. 299); c) Estágio três: Introdução à experimentação e uso de material concreto, o que denomina de vida prática. Montessori orienta que o momento de introduzir um material é quando a criança passa a se interessar pelo conhecimento: "A verdadeira habilidade da professora reside em discernir quando e como oferecer ajuda, mantendo-se consciente de que a verdadeira caridade serve às necessidades sem chamar a atenção para si mesma" (Montessori, 1987, p. 302).

Montessori foi reconhecida como uma das precursoras do Movimento da Educação Nova ou Escola Nova, surgido no final do século XIX, e que ganhou força no século XX. Entretanto, há indicativos de que Montessori também recebeu críticas em relação aos seus princípios da instrumentalização, que poderiam favorecer o mecanicismo (Passos, 2023).

O método Montessori de início destinado às crianças ditas na época como anormais, avançou e "[...] alcançou as ditas normais e de melhor condição social, de forma que atualmente temos cerca de sessenta e cinco mil escolas montessorianas em todo o mundo, oferecendo atenção individualizada, superior à média das instituições comuns" (Passos, 2023, p. 7).

Na atualidade registram-se 63 escolas montessorianas no Brasil, espalhadas pelas cinco regiões do país (OMB, 2024).

3.2 Educação Humanista Waldorf

A Pedagogia Waldorf foi desenvolvida pelo filósofo Rudolf Steiner (1861-1925), cujas bases epistemológicas são encontradas nos preceitos da Antroposofia. A expressão Antroposofia vem do grego *anthropos*, homem e *sophia* (sabedoria), uma linha filosófica e pedagógica que nasce no contexto da Primeira Guerra Mundial (Sales, 2023). É ainda um termo criado por Paul Vital Troxler em 1828, para se referir à "[...] doutrina natural do conhecimento humano (Naturlehre der menschlichen Erkenntnis, 1828), e retomado por R. Steiner, quando, em 1913, separou-se do movimento teosófico e quis ressaltar a importância da doutrina a respeito da natura e do destino do homem" (Abbagnano, 2007, p. 68).

Acerca de Steiner, "[...] escreveu 28 livros e ministrou mais de 5.000 conferências, publicadas em cerca de 330 volumes" (Sales, 2023, p. 23). Obras que transitaram nas artes, na organização social, na pedagogia, na psicologia, na medicina, da farmacologia, na agricultura, na arquitetura, e até no campo da pedagogia terapêutica para crianças com

deficiência (Sales, 2023). Registra-se que: “Rudolf Steiner viveu profundamente comprometido com os destinos da Terra e do ser humano e faleceu em Dornach, na Suíça, em 1925” (Sales, 2023, p. 23).

O filósofo apresentou uma epistemologia original sobre o desenvolvimento humano, organizada em ciclos de sete anos de vida (setênios). Em cada setênio um aspecto da personalidade se incrementaria, até se forjar o Eu. Steiner deu prioridade à educação nos três primeiros ciclos (do zero aos 21 anos): a infância, a latência e a adolescência (Sales, 2023).

A Pedagogia Waldorf se apresenta como modelo de educação humanista em razão de centrar sua prática educativa no desenvolvimento integral do aluno (físico, mental, emocional e espiritual). Fundamenta-se em vários princípios educativos, entre os quais se destacam: a) Educação evolutiva, em que a criança é um ser em uma experiência espiritual evolutiva. A educação steineriana se assenta no respeito ao ritmo de cada um, às características e necessidades de cada um dos ciclos da vida; b) Aprendizagem focada na experimentação. Valorizam-se as atividades artísticas, as brincadeiras livres, o contato com a natureza e as histórias contadas; c) Colaboração entre todos os educadores. A escola e a comunidade funcionam como um corpo orgânico coeso, ou seja, todos trabalham em prol de culminar o projeto Waldorf educativo; d) Relação professor-aluno. O docente é um guia, um mentor, cujo papel é exercer a tutoria educacional para que o educando desenvolva todas as suas potencialidades (Lanz, 1979).

Steiner também define que a sociedade teria de se sustentar em três pilares interdependentes, a saber: a) Liberdade na vida cultural e espiritual, em que cada um pudesse manifestar o melhor de si, tendo direito à sua individualidade; b) Vida jurídico-política assente na igualdade democrática; c) Fraternidade social na vida econômica (Sales, 2023).

O foco em uma educação que estimula o incremento das melhores capacidades e a autonomia e independência dos ser humano seria um dos principais objetivos dessa educação. Outro aspecto que sublinhamos sobre a educação Waldorf relaciona-se ao lugar dos pais na escola. A ideia é a de que a educação seja integrativa, família e escola:

> Também há oportunidades de aprendizado e autoeducação para os pais, sempre que houver disponibilidade e aceitação para isso. Eles são convidados a participar de reuniões, palestras, grupos de estudo, a se envolver nos mutirões, atuar junto ao Conselho de Pais e têm a oportunidade de conhecer outras famílias. Essa vivência comunitária é sempre uma oportunidade rica para

> estabelecer novos e duradouros laços de amizade (Sales, 2023, p. 45).

A Pedagogia Waldorf avançou pelo mundo, e completou 100 anos em 2019. “Hoje são cerca de 1270 escolas Waldorf de Ensino Fundamental e/ou Médio em 80 países e 1928 Jardins de Infância Waldorf filiados a federações, em 70 países, nos 5 continentes” (Sales, 2023, p. 23).

É nas palavras de Steiner (*apud* Sales, 2023, p. 13) que encontramos um rumo para a prática docente: “Nossa mais elevada tarefa deve ser a de formar seres humanos livres, que sejam capazes de, por si mesmos, encontrar propósito e direção para suas vidas”.

3.3 Educação Humanista Logosófica

Outro relevante modelo de educação humanista é a Pedagogia Logosófica, idealizada pelo argentino Carlos Bernardo González Pecotche, que inaugurou, em 1930, a Ciência Logosófica, cujos fundamentos dão suporte à Pedagogia de mesmo nome. Essa ciência possui uma concepção de humanismo baseada no princípio da evolução consciente do ser humano, que consiste em elevar o ser humano para além dos muros da ignorância e da inconsciência.

Na perspectiva logosófica, a educação deve ser capaz de ensinar ao ser humano não somente os conteúdos curriculares tradicionais, mas sobretudo deve preparar o aluno para a vida em todas as suas nuances, tendo como base a sua evolução a partir do conhecimento de si mesmo e dos conhecimentos necessários para a construção de uma humanidade e de um futuro melhor. Nas palavras do autor, os estudantes ingressam em uma “Instituição de adiantamento mental em seus três aspectos: intelectual, moral e espiritual. Isso implica, portanto, uma obra de aperfeiçoamento e capacitação em todos os campos” (Pecotche, 2019, p. 99).

A linha pedagógica logosófica é voltada para a formação integral e se baseia no desenvolvimento do ser alicerçado no conhecimento da tríplice configuração: biológica, psicológica (mental, sensível e instintivo) e espiritual (Pecotche, 2013). Como princípios educativos da prática educacional, destacam-se: a) A Evolução Consciente, princípio *máster* desse modelo, em que o estado consciente ganha um volume fundamental em tudo o que se pensa, diz, se sente ou age, sendo esse um estado de atenção plena; b) Conhecimento de Si Mesmo, em que os protagonistas da educação, professor e aluno,

caminham juntos e passam a descobrir os agentes causais de tudo o que acontece em suas mentes (pensamentos); c) Redenção de Si Mesmo, em que o próprio terá de se libertar das crenças que o limitam, das deficiências psicológicas (neologismo logosófico, que significaria os antivalores éticos) e dos preconceitos enraizados desde longa data em sua *psiqué*, ao mesmo tempo em que conhece a parte intrapositiva do ser, sua essência, o seu próprio espírito; d) O desenvolvimento aprofundado das funções de estudar, de aprender, de ensinar, de pensar e de realizar, o que leva ao entendimento que toda a aprendizagem se consubstancie na experimentação do conhecimento; e) A edificação de uma vida superior, de um destino melhor (Pecotche, 2017a).

A Pedagogia Logosófica também é conhecida como a Pedagogia do Afeto, por considerar o afeto como o "princípio fixador das relações humanas" (Pecotche, 2013, p. 137), e preconiza ainda que o primeiro aprendiz é aquele que ensina:

> [...] a arte de ensinar consiste em começar ensinando primeiro a si mesmo, ou, dito de outro modo, enquanto por um lado o ser aprende, por outro, aplica esse conhecimento a si mesmo e, ensinando a si mesmo, saberá depois como ensinar aos demais com eficiência (Pecotche, 2019, p. 260).

Logo, a relação professor-aluno se estabelece a partir de um laço afetivo, da confiança e do respeito mútuo. O currículo se desenvolve de forma inter e transdisciplinar. Integram-se aos conhecimentos científicos os conhecimentos transcendentes, que servem de guia ao ser humano em direção ao seu aperfeiçoamento, favorecendo a compreensão mais profunda de quem se é, para que se está aqui, a prática do respeito a si e a toda forma de vida que o cerca.

O ensino da moral e da ética são bases da educação humanista logosófica, cujos valores se consolidam a partir do exemplo: "[...] a moral – insistimos – se edifica com o bom exemplo, não com palavras. Nutre-se e afirma-se numa atitude que surge do ser interno como imperativo da consciência" (Pecotche, 2019, p. 80). Ademais, a Pedagogia Logosófica reconhece a conexão do ser humano com o todo, as Leis Universais, promovendo o entendimento da interdependência entre a própria vida com as dos demais seres humanos.

Atualmente são oito unidades do Colégio Logosófico no Brasil: Belo Horizonte (2 unidades), Uberlândia, Goiânia, Rio de Janeiro, Brasília, Florianópolis e Chapecó. E ainda em fase de construção: uma em Uberaba, uma em Belo Horizonte (Vila da Serra) e uma em São Paulo. No exterior, o colégio conta com seis unidades, sendo quatro na Argentina e

duas no Uruguai (Colégio Logosófico, 2024). A Logosofia mantém incontáveis Fundações ou Centros de Formação Logosófica destinadas ao universo adulto, com sedes, inclusive, na Europa.

Em suma, a principal premissa epistêmica é a de que o educando perceba a si como ser biopsicoespiritual em evolução, que aprenda a ser a sua melhor versão humana por intermédio do conhecimento do próprio espírito. Dessa forma, será capaz de intervir na esfera social, constituindo-se em agente de bem para a sociedade. Logosoficamente, educar para vida é promover o conhecimento de si, em que o professor será, antes de tudo, exemplo do que ensina.

4 Em tom de Considerações Finais: Humanismo na educação e o futuro da humanidade

O curso de nossa trajetória nos remeteu às questões enigmáticas de todos os tempos: Quem, o que é e para onde caminha o ser humano? É nessa resposta que reside a ressignificação de novas modelizações da educação e do ensino.

Para Morin, é o ser biológico, natural, cultural e cosmológico (Morin, 2000, 2003, 2009). Montessori adiciona as perspectivas da intervenção educativa no ambiente e ressalta o autodesenvolvimento humano (Montessori, 1987). Steiner apresenta o ser a partir de uma complexidade de seus corpos, que mediante um processo educativo, desenvolveria a autoconsciência (Sales, 2023; Lanz, 1979). Pecotche (2013, 2017a, 2019) concebe o ser humano com duas dimensões, física e espiritual, sendo a primeira forjada pelos corpos físico (biológico) e da alma (*psiqué*), cujo devir (o vir a ser) estaria baseado no autoconhecimento, a partir de processos de autoeducação, em direção à evolução espiritual por meio da consciência. O fato é que todos os estudiosos referenciados comungam da ideia de que o ser humano possui uma natureza espiritual, à margem do sentido religioso. Igualmente, assinalam a assertiva de que possuímos uma consciência. Pecotche (2017b), inclusive, apresenta que precisamos dela para realizar a função de aprender; e que a existência dessa consciência nos eleva e nos diferencia dos demais seres viventes, situando-nos em um reino a parte, o hominal (Pecotche, 2017b).

A seguir, sintetizamos as ideias trazidas acerca das dimensões que interpenetram a vida do ser humano:

Figura 1 – Dimensões da vida humana

Fonte: Elaborado pelos autores (2024) a partir de Morin (2000, 2002, 2003), Montessori (1987), Steiner (*apud* Sales, 2023) e Pecotche (2013, 2017a, 2019).

Do exposto, revelamos a convergência entre os estudiosos mediante quatro dimensões que interpenetram a vida do ser humano: física, psíquica, espiritual e social. Logo, toda educação humanista teria de confluir para esses aspectos do desenvolvimento humano, rumo a um modelo de educação integradora. Com isso, denota-se a urgência e a preocupação com as lacunas existentes hoje na formação humana. Mas uma formação comprometida com uma verdadeira humanização, consciente, que não se descaracterize pela postura niilista, da transgressão e defesa em interesses próprios.

A educação se imbui da intencionalidade e responsabilidade de forjar seres pensantes, críticos e cidadãos. É quase que um mantra repetido. Entretanto, qual lugar fica reservado à formação subjetiva, à formação de valores, à educação emocional, à vida como projeto existencial? Onde estão as temáticas que envolvem e impactam a vida diretamente, como o que fazer em momentos de solidão, tristeza, morte, dúvidas, perdas, respeito à vida, aos animais etc.? Como conduzir a vida para chegar a ser autônomo nos diferentes campos: pessoal, relacional, dentre outros? Teremos de reconhecer que as perspectivas humanistas de hoje ainda refletem as bases de um classicismo, tradicional e propedêutico, distante do Ser.

A pesquisa nos remete à reflexão de que o ser humano sempre buscou sentidos para o seu existir. O que denota que necessitamos de uma educação que vá para além do informacional, que traga a vida para a escola. Nos dias de hoje, a mera transmissão do conhecimento já não pode ser mais nem considerada como ensino ultrapassado. É método que não funciona, a não ser para fins de memorização. As inteligências artificiais cada vez mais avançam, e mesmo sem bola de cristal ou sem poderes de vidência, já podemos deduzir os ventos de uma mudança paradigmática complexa, como bem nos alertou Morin (1991, 2000, 2002, 2003). Instituições escolares que persistirem em tomar como base o

modelo *comportamentalista*, estarão fadadas à falência educativa. Precisamos mais do que em todas as épocas educar para forjar o arquétipo de um novo ser humano. Um ser humano realmente mais humano, mais préstimo, mas solidário, equânime, justo, mais universal, e por que não dizer, atemporal? O arquétipo humano precisa ser revisitado, para que pensemos em uma nova escola, de fato, humanizada. Afinal, que tipo de pessoas gostaríamos de esbarrar nas ruas, no trânsito, na sociedade todos os dias? Nessas perguntas reside a resposta acerca do tipo de educação que precisamos alavancar nas escolas, nas universidades, nos colégios, institutos etc. Utopia? Acreditamos que não. Simplesmente um modelo de educação que precisa ser tentado, dado que os ensaios até o momento parecem que não conferiram resultados que edificassem uma digna condição humana.

Isto posto, e a partir da clareza do tipo de educação que precisamos para forjar melhores humanos, é que se levantarão as práticas pedagógicas, que terão de enfatizar o preparo dos alunos para a vida em sociedade, mediante sua inserção consciente nela. Os alunos precisam compreender o mundo em que vivem e o quanto são imprescindíveis na construção dele, do modelo de mundo que desejam. Por esse motivo, há o imperativo de se criar licenciaturas que gerem professores conscientes e comprometidos na condução dessa relação, e alunos disponíveis e solidários, para fazer esse momento tão significativo acontecer, o conhecimento. E claro, que nesse sentido, a família não poderá ficar de fora.

Diante da necessidade de uma formação completa, chegamos ao entendimento de que a humanidade precisa contemplar o conhecimento alicerçado na razão e na sensibilidade, de que necessita perceber-se como agente ativo da vida. Da sua vida, da vida dos demais, da vida de tudo o que existe. E logo, se perceberá como parte de cidades educadoras, de sociedades educadoras. Entender suas responsabilidades perante as alegrias e os dilemas sociais. Identificar o seu protagonismo, edificar sua postura em princípios éticos, morais que condizem com o bem de si e para a vida em comum+unidade (comunidade).

Deste modo, as bases epistemológicas do humanismo na educação se atrelam à compreensão de sua importância e sua imprescindibilidade frente aos problemas educacionais e sociais da atualidade, bem como aos mecanismos para sua implementação dentro dos currículos, das práticas pedagógicas, dos planejamentos, dos planos de aula. Mas especialmente, dentro de cada docente. O dia a dia do professor nos remete a saber que a maior luta que se pode travar será para que realmente eduquemos crianças, jovens e adultos em prol de uma transformação civilizatória. Naturalmente que as barreiras surgirão,

contudo, a educação não se faz no mundo de Nárnia. É aqui e agora, enfrentando todos os contentamentos e mazelas.

Em tom de arremate, a educação humanista começa de dentro para fora, e não de fora para dentro. Existirá a partir da compreensão de quem somos e do nosso destino enquanto humanidade. Temos uma caminhada a realizar de superação do hedonismo, do consumismo, da permissividade, do relativismo ético, e mormente, da educação materialista, focada para uma vida que termina em um nascer, crescer, reproduzir, consumir e morrer. Em síntese, educar é processo criativo e criador, que oportuniza às pessoas a serem bons pais, bons filhos, bons amigos, porque só assim poderão compreender o que significa ser um bom profissional. Eis as bases epistemológicas do bem educar!

Referências

ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. Tradução: Alfredo Bossi. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BURCH, S. Sociedade da informação. Sociedade do conhecimento. *In*: AMBROSI, A.; PEUGEOT, V.; PIMENTA, D. (org.). **Desafios de Palavras:** Enfoques Multiculturais sobre as Sociedades da Informação. França: C & F Éditions, 2005. Disponível em: http://www.dcc.ufrj.br/~jonathan/compsoc/Sally%20Burch.pdf. Acesso em: 23 set. 2023.

BUSSEY, M. Critical Spirituality: Towards a Revitalised Humanity. **Journal of Futures Studies**, v. 10, n. 4, p. 39-44, 2006. Disponível em: https://jfsdigital.org/wp-content/uploads/2014/01/104-A04.pdf. Acesso em: 21 ago. 2024.

CABANAS, J. M. P. Propuesta de una Pedagogía Humanística. **Revista española de pedagogia**, año LXVII, n. 243, p. 209-230, mai./ago. 2009. Disponível em: https://reunir.unir.net/bitstream/handle/123456789/3887/PropuestaDeUnaPedagogiaHumanista.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 04 dez. 2023.

CARVALHO JUNIOR, A. 5G: Um panorama da tecnologia e perspectivas de aplicação. **Revista Acadêmica - Ensino de Ciências e Tecnologias**, IFSP – Campus Cubatão, n. 11, p. 200, jul./dez. 2022. Disponível em: https://intranet.cbt.ifsp.edu.br/qualif/volume11/relato1.pdf. Acesso em: 22 ago. 2024.

COLÉGIO LOGOSÓFICO. **Sistema logosófico de Educação**. Belo Horizonte, 2024. Disponível em: https://colegiologosofico.com.br/. Acesso em: 03 abr. 2024.

JAEGER, W. **Paideia:** a formação do homem grego. Tradução: Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

JAPIASSU, H. **A crise das ciências humanas**. São Paulo: Editora Cortez, 2012.

LANZ, R. **A pedagogia Waldorf:** caminho para um ensino mais humano. 2. ed. São. Paulo: Summus Editorial, 1979.

LUZURIAGA, L. **História da educação e da pedagogia**. Tradução e notas: Luiz Damasco Penna e J. B. Damasco Penna. 14. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1983.

MONTESSORI, M. **Mente absorvente**. Rio de Janeiro: Nórdica, 1987.

MORIN, E. **A cabeça bem-feita:** repensar a reforma, reformar o pensamento. Tradução: Eloá Jacobina. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

MORIN, E. **O Método 4:** habitat, vida, costumes, organização. Tradução: Juremir Machado da Silva. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2002.

MORIN, E. **Os setes saberes necessários a educação do futuro**. 2. ed. São Paulo, Cortez; Brasília, 2000.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. Lisboa: Instituto Piaget, 1991.

NASSIF, R. **Teoría de la educación:** Problemática pedagógica contemporánea. Madrid: Editorail Cincel-Kapelusz, 1982.

OMB. **Escolas Montessorianas**. Organização Montessori no Brasil: 2024. Disponível em: http://omb.org.br/omb/escolas. Acesso em: 14 ago. 2024

PASSOS, R. D. F. Maria Montessori (1870-1952): uma vida dedicada à inovação da educação. **Revista Educação em Foco**, n. 15, p. 01-20, 2023. Disponível em: https://portal.unisepe.com.br/unifia/wp-content/uploads/sites/10001/2023/01/uma-vida-dedicada-a-inovaca-da-educacao.pdf. Acesso em: 20 ago. 2024.

PECOTCHE, C.B.G. **Curso de Iniciação Logosófica**. 20. ed. São Paulo: Logosófica, 2017a. Disponível em: https://logosofia.org.br/livros/curso-de-iniciacao-logosofica/. Acesso em: 22 out. 2023.

PECOTCHE, C.B.G. **O Espírito**. 8. ed. São Paulo: Logosófica, 2017b. Disponível em: https://logosofia-uploads.s3.amazonaws.com/wp-content/uploads/2018/12/O-Espi%CC%81rito_8Ed.pdf. Acesso em: 22 out. 2023.

PECOTCHE, C. B. G. **Introdução ao conhecimento logosófico**. Tradução: Fundação Logosófica. 4. ed. São Paulo: Logosófica, 2019. Disponível em: https://logosofia.org.br/livros/introducao-ao-conhecimento-logosofico/ Acesso em: 22 out. 2023.

PECOTCHE, C. B. G. **Logosofia, Ciência e Método:** Técnica da formação individual consciente. 12. ed. São Paulo: Editora Logosófica, 2013. Disponível em: https://logosofia-uploads.s3.amazonaws.com/wp-content/uploads/2018/12/Logosofia-Cie%

CC%82ncia-e-Me%CC%81todo.pdf. Acesso em: 22 out. 2023.

RIBEIRO, E. V. Uma breve narrativa sobre o Humanismo. **Revista Sapere Aude**, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 10-21, jan./jun. 2022. Disponível em: https://periodicos.pucminas.br/index.php/SapereAude/article/view/28553/19873. Acesso em: 03 dez. 2023.

ROGERS, C. **Liberdade para Aprender**. São Paulo: Harbra, 1986.

SALES, R. **Pedagogia Waldorf 100 anos + Uma Educação Humanizadora para um Mundo Melhor**. São Paulo: Instituto Ruth Sales & Instituto Arte Social, 2023. Disponível em: https://institutoruthsalles.com.br/wp-content/uploads/2023/12/Livro-Pedagogia-Waldorf-100-anos-.pdf. Acesso em: jan. 2024.

SEVERINO, A. J. A busca do sentido da formação humana: tarefa da Filosofia da Educação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n. 3, p. 619-634, set./dez. 2006. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/ep/article/view/28030/29828. Acesso em: 05 fev. 2024.

SILBER, J. Pedagogía y humanismo en el pensamiento de Ricardo Nassif. **Archivos de Ciencias de la Educación**, 4a época, v. 1, n. 1, 2007. Disponível em: http://www.fuentesmemoria.fahce.unlp.edu.ar/art_revistas/pr.685/pr.685.pdf. Acesso em: 20 ago. 2024.